

ANO 5  
Nº 16  
MARÇO  
ABRIL  
2008

# Maranhão Industrial

Impresso  
Especial

18061/2005-DR/MA  
FIEMA-MA

...CORREIOS...

## MERCADO DE R\$1,3 bi

Laticínios, cimento,  
confeção e soja  
são opções de  
negócio.



### SUDENE

Promoção do desenvolvimento  
da região requer integração.

### EMPREENDEDORISMO

O maranhense é empreendedor,  
mas falta estímulo.

### INFRA-ESTRUTURA

Distritos Industriais em  
expansão no estado.

FIEMA  
SESI  
SENAI  
IEL

Sistema

FIEMA





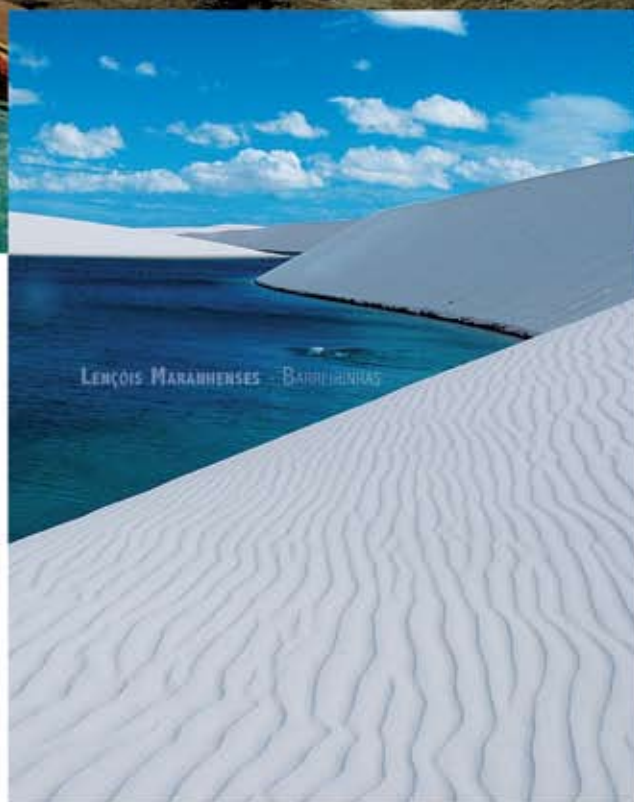
PALÁCIO DOS LEÕES



# 80° ENIC

Encontro Nacional da Indústria da Construção

A FORÇA DA CONSTRUÇÃO CIVIL NO DESENVOLVIMENTO DO PAÍS



LENÇÓIS MARANHENSES - BARRIGUINHAS

VEM AÍ O MAIOR **EVENTO**  
 DA **INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO**  
 DA AMÉRICA LATINA:  
**80° ENIC. DE 22 A 24**  
 DE OUTUBRO DE **2008**  
 EM **SÃO LUÍS - MARANHÃO.**

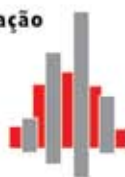
[www.enic.org.br](http://www.enic.org.br) • (62) 3214.1005

Promoção

## CBIC

Câmara Brasileira da Indústria da Construção

Realização



**SINDUSCON-MA**  
 SINDICATO DAS INDÚSTRIAS  
 DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO MARANHÃO

Organização



**Qualidade Eventos**  
 Eventos Corporativos Especiais



## FICHA DE INSCRIÇÃO PARA O 80° ENIC

**Nome**

**Nome para crachá**

**Sexo**

F  M

**Empresa/Entidade/Instituição/Órgão**

**RG**

**CPF**

**Data de Nasc.**

**Endereço completo**

**N°**

**CEP**

**Bairro**

**Cidade**

**UF**

**País**

**Tel/Fax**

**Celular**

**E-mail**

**Nome do acompanhante**

**CATEGORIA:**  Profissional  Assessor \*  Acompanhante  Estudante\*\*  Palestrante

<b>Categorias</b>	<b>13 Fev à 20 Abr</b>	<b>21 Abr à 30 Jun</b>	<b>1 Jul à 22 Set</b>	<b>No local</b>
<b>Profissional</b>	<b>R\$ 400,00</b>	<b>R\$ 450,00</b>	<b>R\$ 490,00</b>	<b>R\$ 550,00</b>
<b>Assessor*</b>	<b>R\$ 300,00</b>	<b>R\$ 350,00</b>	<b>R\$ 380,00</b>	<b>R\$ 450,00</b>
<b>Estudante**</b>	<b>R\$ 200,00</b>	<b>R\$ 250,00</b>	<b>R\$ 270,00</b>	<b>R\$ 350,00</b>
<b>Acompanhante</b>	<b>R\$ 300,00</b>	<b>R\$ 350,00</b>	<b>R\$ 380,00</b>	<b>R\$ 450,00</b>

\* **Assessor:** somente para profissionais ligados às empresas e entidades associadas da CBIC. Para confirmação da inscrição é imprescindível o envio antecipado da declaração comprobatória em papel timbrado, assinada pelo presidente e/ou representante legal, para o Fax: (62) 3214.1005 ou para o e-mail: camila@qeeventos.com.br.

\*\* **Estudante:** Vagas limitadas. Para confirmação da inscrição é imprescindível o envio antecipado da cópia do comprovante estudantil para o fax: (62) 3214.1005 ou para o e-mail: camila@qeeventos.com.br.

### Procedimentos para inscrição

**Boleto Bancário:** Você pode contar com a comodidade do serviço de inscrições on-line, utilizando a nossa loja virtual. É a forma mais prática e rápida. Nessa edição temos a novidade de parcelamento no boleto bancário em 2 ou em 3 vezes o valor da sua inscrição.

### Cheque ou Dinheiro:

**Passo 1:** Fazer, obrigatoriamente, **depósito identificado** na agência bancária e pegar comprovante; Para realizar esse tipo de depósito, o participante deve ir ao caixa (pode ser o eletrônico) e informar seu nome e CPF para que o caixa registre esses dados no comprovante de depósito. Dados para fazer o depósito identificado: **Titular:** Sindicato da Indústria da Construção Civil do Maranhão (SINDUSCON-MA); **Banco:** Caixa Econômica Federal; **Agência:** 0027; **Operação:** 003; **Conta Corrente:** 745-7; **Nome Completo e CPF** do participante.

**Passo 2:** Enviar o comprovante de depósito identificado e a ficha de inscrição preenchida para a secretaria do evento até 22/9/2008, no endereço: Qualidade Eventos Especiais Ltda - Rua 03, 880 - Salas 805/808 - Setor Oeste - CEP: 74115-050 - Goiânia / GO - Fone/fax: (62) 3214.1005

### Observações importantes:

-A inscrição na categoria Acompanhante dá acesso às palestras motivacionais oferecidas pelo 80° Enic, a programação turística especial e as atividades sociais (solenidade de abertura, coquetel de boas vindas e jantar de confraternização). Lembramos que as pessoas que se inscreverem nesta categoria **NÃO** terão acesso à parte técnica do evento, painéis e etc.

-As inscrições prévias só serão aceitas até o dia 22/9/2008. Após essa data, somente poderá ser realizada no local do evento. Os inscritos terão direito ao crachá, pasta, programa, coquetel, almoços nos dias 23 e 24/10/2008 e acesso a todas as palestras do 80° Enic;

-Os cancelamentos de participações deverão ser notificados por escrito à organizadora do evento. Vale lembrar que as devoluções apenas serão realizadas após o evento no prazo de 10 (dez) dias úteis e que o reembolso será efetuado de acordo com a data de solicitação do mesmo. Até o dia 22/9/2008, será de 50%. Após esta data não serão aceitos pedidos de reembolso.

-As solicitações de transferências de inscrições serão aceitas até o dia 22/9/2008. Deverão ser feitas através do e-mail: camila@qeeventos.com.br, após essa data, qualquer transferência deverá ser feita na secretaria do evento, a partir do dia 22/10/2008. As transferências devem ser solicitadas por escrito, em forma de autorização, e deve conter os dados dos participantes (nome e número de inscrição).

## AO LEITOR

Caro leitor,

As aquisições feitas pelo Maranhão de outros estados apontam para um mercado consumir interno de R\$ 1,36 bi se considerados apenas os produtos que poderiam ser fabricados internamente e a curto prazo. Se por um lado não se pode comemorar o aumento das importações no período de 2003 a 2007, datas das Pesquisas de Substituição de Importação realizadas pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL) com o apoio do SEBRAE, por outro é possível verificar que, entre outras coisas, houve aumento do Produto Interno Bruto (PIB) estadual, do nível de emprego em relação aos estados do Nordeste e do consumo. Alguns setores também mostraram maior vigor, como o da construção civil, que deve continuar estimulando a ampliação da demanda por cimento e madeira e móveis, por exemplo, e o de confecções. O panorama geral revela um amplo leque de oportunidades de novos negócios, que vão desde o aumento da produção de grãos, como soja, até a indústria de laticínios e produção de hortifrutigranjeiros.

Em entrevista com a Superintendente da Fundação de Apoio à Pesquisa do Corredor de Exportação Norte (FAPCEN), Gisela Introvini, o leitor fica sabendo como o Maranhão passou de estado dependente para exportador de tecnologia em sementes geneticamente modificadas para outros estados do país e até para o exterior. Parte desse trabalho e novidades como o lançamento de duas espécies transgênicas de soja serão apresentados durante o Agrobalsas 2008, que acontece de 27 a 31 de maio no município de Balsas.

E mais: a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) volta a ser notícia. Com a sua recriação a expectativa é que instituições e governos consigam resgatar projetos engavetados e realizar outros tão necessários ao crescimento da região. E por falar em crescimento, está havendo uma expansão na criação de novos distritos industriais no estado, o que demonstra o atendimento a demandas de novas instalações industriais.

E se você tem uma boa idéia na cabeça e pensa em abrir um negócio, não pode deixar de ler a matéria sobre empreendedorismo. Para finalizar, a Maranhão Industrial antecipa como em breve a maior expressão da cultura popular do estado, o bumba-meu-boi, deverá tornar-se patrimônio imaterial do Brasil, como aconteceu recentemente com o tambor de crioula.

*Boa leitura.*

*A editora*



## Empreendedorismo 16

O maranhense é empreendedor, mas falta estímulo para alavancar novas idéias de negócios.



## Importação 26

Pesquisa aponta mercado consumidor interno de R\$ 1,36 bi. Laticínios, cimento, confecção e soja estão na lista.



## Infra-Estrutura 30

Distritos Industriais em expansão no Maranhão revelam tendência de crescimento em outros municípios.



## Bumba-meu-boi 34

Maior manifestação da cultura popular do Maranhão será considerada bem imaterial do país.

# Maranhão Industrial

---

## SEÇÕES

Palavra do presidente 6

Recortes 7

Entrevista 10

## SUDENE 22

Recriação da Superintendência requer integração institucional para promoção do desenvolvimento da região.



Jorge Machado Mendes\*

# Unidos pelo desenvolvimento



Dia 13 de março de 2008 é, no nosso entendimento, um dia histórico para o Maranhão. Nesta data, reunidos na Assembléia Legislativa e entes públicos e privados deram-se as mãos em favor de um objetivo em comum: o desenvolvimento do estado.

Essa união, aglutinação de forças, se consolidou por meio de um protocolo de intenções firmado entre as seguintes instituições: Federações das Indústrias (FIEMA), do Comércio (FECOMÉRCIO) e da Agricultura (FAEMA), Assembléia Legislativa, Secretarias de Estado de Indústria e Comércio (SINC) e de Agricultura (SEAGRO), Fundação de Apoio à Pesquisa do Corredor de Exportação Norte (FAPCEN) e as empresas Vale e Alumar.

Por intermédio desse protocolo, cada um desses entes se comprometeu em desenvolver ações visando o adensamento das cadeias produtivas de minério de ferro, alumínio e de grãos, conforme previsto no Plano Estratégico de Desenvolvimento Industrial do Maranhão.

Esses três projetos são o ponto de partida para o desenvolvimento de muitos outros, constantes no Plano Estratégico, voltados para a agregação de valor aos produtos, atração de

novos investimentos nos mais diversos elos das cadeias produtivas e de oportunidades de negócios para as empresas locais, além de geração de emprego e renda para a população.

Aquele momento, para nós, representou um grande avanço para a operacionalização do Plano Estratégico, documento que foi elaborado pela FIEMA com a participação de diversos atores, tal qual testemunhamos agora na assinatura desse protocolo.

O Plano Estratégico de Desenvolvimento Industrial do Maranhão, por ser fruto de um trabalho compartilhado, com a participação de diversos atores da sociedade, está alinhado ao Mapa Estratégico da Indústria.

O Mapa da Indústria nos aponta para o posicionamento da indústria no cenário competitivo global, suas prioridades estratégicas e as bases necessárias ao desenvolvimento de uma indústria forte, dinâmica e com participação expressiva no comércio internacional.

Fico feliz em saber que todos estão irmanados em busca do tão sonhado desenvolvimento do estado. Um sonho que não é meu apenas, mas de todos os maranhenses. ■

*\*Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Maranhão.*

### PET ▶

Nos últimos anos, especialmente com a concorrência com os produtos de origem chinesa, a indústria de plástico no estado teve a sua produção bastante reduzida. As empresas também passaram a trabalhar com plástico reciclado, mas tinham a limitação de não poderem usar o produto, por exemplo, em embalagens de alimentos. Este mês, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) baixou uma norma que permite a utilização de PET para embalar alimentos. A Agência entende que já existem novas tecnologias capazes de limpar e descontaminar esse tipo de material, independentemente do sistema de coleta. Quando lançadas no meio ambiente, as garrafas PET levam até 100 anos para se decompor. As exigências para entrar nesse mercado podem ser conhecidas no site [www.anvisa.gov.br](http://www.anvisa.gov.br).



### QUALIDADE NO TRABALHO

Abertas as inscrições para a 13ª edição do Prêmio SESI Qualidade no Trabalho, uma iniciativa do Serviço Social da Indústria (SESI) que valoriza e reconhece publicamente as empresas que investem no capital social e humano, adotando as melhores práticas em responsabilidade social empresarial. O prêmio é aberto às indústrias e empresas contribuintes do SESI ou optantes do Simples. Outras informações e inscrições pelo telefone da coordenação estadual do PSQT: (98) 3212-1859 ou pelo e-mail: [mmarao@fiema.org.br](mailto:mmarao@fiema.org.br).

### CONSUMO DOMÉSTICO

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) está preparando a versão 2007-2008 da Pesquisa de Orçamentos Familiares. O último levantamento foi realizado em 2002-2003. A POE, como é chamada, tem como objetivo fornecer informações sobre a composição dos orçamentos domésticos a partir da investigação dos hábitos de consumo, da alocação de gastos e da distribuição dos rendimentos. Informações referentes à quantidade de alimentos e bebidas adquirida por ano pelas famílias servem de referencial para o desenvolvimento de estudos sobre pobreza, segurança alimentar e nutricional.



## ◀ REFINARIA

Grupo Algar anunciou novos investimentos no estado no valor de R\$ 80 milhões para ampliar empreendimentos na área do agronegócio. A ABC Inco, que pertence ao Grupo, já trabalha com esmagamento de soja e para isso houve investimento de R\$ 220 milhões. Os próximos negócios deverão girar em torno da construção de quatro novos armazéns com capacidade para estocar 330 mil toneladas, uma refinaria e uma fábrica de envasamento de óleo de soja, o que deverá ampliar e muito a cadeia produtiva da soja no Maranhão.

## AMAZONTECH 2008

Quer desenvolver negócios sustentáveis na Região Amazônica? Então programe-se para participar da Amazontech 2008, que será realizada no Multicenter Sebrae de 25 a 29 de novembro. O evento é uma ampla mostra com inovações tecnológicas, difusão de conhecimentos científicos e empreendedorismo sobre a Amazônia, com o intercâmbio de conhecimentos técnico-científicos na exposição de projetos ecologicamente corretos que viabilizem a auto-sustentabilidade da região. Mais informações no site [www.amazontech2008.com.br](http://www.amazontech2008.com.br).

## INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

A 8ª edição do Programa de Iniciação Tecnológica para Micro e Pequenas Empresas (BITEC) está com vagas abertas. Esta é uma iniciativa de cooperação única, que tem como parceiros o IEL, SENAI, SEBRAE e CNPq, cujo objetivo principal é fomentar a interação entre as Instituições de Ensino Superior e as Micro e Pequenas Empresas por meio do incentivo ao desenvolvimento e à transferência de conhecimento aplicado às atividades de inovação, empreendedorismo, tecnologia e gestão. Informações pelo fone (98) 3212-1894 ou pelo e-mail [micheleiel@fiema.org.br](mailto:micheleiel@fiema.org.br).

## CAPACIDADE AMPLIADA

Com o objetivo de ampliar a capacidade de transporte de minério na Estrada de Ferro Carajás, que vai do Maranhão ao Pará, a Vale colocou em circulação um super trem capaz de transportar 40 mil toneladas. Com o investi-

mento a empresa espera chegar à marca de 130 mil toneladas no ano que vem e em 2012 atingir a meta de 230 mil toneladas transportadas. O maior trem do mundo conta com 330 vagões e, aproximadamente, 3.500 metros de extensão.



## AGROBALSAS 2008

Nesta edição da feira, que acontece de 27 a 31 de maio na Fazenda Sol Nascente, no município de Balsas, os organizadores do evento incluíram, além da cadeia de grãos, a cadeia da pecuária de corte e de leite e a agricultura familiar com o objetivo de criar novas possibilidades de negócios para os investidores do Maranhão e dos estados visitantes. A Agrobalsas ocupará este ano uma área oito vezes maior e contará com 50 estandes. Realizada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Corredor de Exportação Norte (FAPCEN), a Agrobalsas tem o apoio do governo do estado.

## ICMS

O Sinduscon-MA propôs ao governo do estado tratamento diferenciado na cobrança do ICMS na construção civil, a exemplo do que já ocorreu com os estados do Ceará e Pernambuco. Para o Sindicato, as duas condições de cobrança do Imposto sobre Circulação de Mercadorias previstas na Constituição Federal não se aplicam ao setor. A argumentação do Sindicato, o Estado perde em arrecadação, mas ganha na geração de mais emprego e renda. O pedido será encaminhado para análise da Procuradoria do Estado e depois remetido para o governador Jackson Lago.

## ÓLEO DE BABAÇU ▼

Pesquisa encomendada pelo Sindicato Intermunicipal das Indústrias de Óleos Vegetais e de Produtos Químicos e Farmacêuticos no Estado do Maranhão ao Instituto Euvaldo Lodi (IEL) em 2007 identificou que a falta de matéria-prima é a maior dificuldade enfrentada pelas indústrias do setor e que impede o aumento da produção. A falta de capital de

giro é a segunda maior dificuldade e, dividindo a terceira posição estão a elevada carga tributária, a competição acirrada de mercado e o alto custo da matéria-prima. Outra importante conclusão é que anualmente deixam de ser produzidas mais de 41 mil toneladas de óleo, valor que corresponde à capacidade ociosa das indústrias locais.



# “Diziam ser impossível e hoje transferimos tecnologia”

*Por Cíntia Machado*

A Superintendente da Fundação de Apoio à Pesquisa do Corredor de Exportação Norte, a Engenheira Agrônoma Gisela Introvini, conta como o Maranhão passou a transferir tecnologia na área de soja para países como Venezuela e Gana, como funciona o mercado interno de sementes e o que, na opinião dela, falta para que o estado amplie ainda mais a cadeia produtiva da soja. Uma dos projetos da Fundação, que conta com o apoio do Banco do Nordeste, é o cultivo de girassol aliado à soja, o que já demonstrou em pesquisas recentes ter lucratividade. A FAPCEN mantém as pesquisas, em grande parte, com recursos oriundos das taxas tecnológicas decorrentes da comercialização de sementes melhoradas geneticamente para todo o país, o que – apesar da forte concorrência das multinacionais – é um nicho de negócio lucrativo. Na edição deste ano do Agrobalsas serão lançadas duas novas espécies de soja transgênicas.





*Revista Maranhão Industrial - Como foi criada a FAPCEN e com que objetivos?*

**Gisela Introvini** - A Fundação de Pesquisa do Corredor de Exportação Norte foi criada em 23 abril 1983 por empresários, sem fins lucrativos, para sustentabilidade da pesquisa. A Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) veio pra Balsas em 1980 e daí surgiu a parceria.

*MI - E qual o foco dessas pesquisas em parceria com a Embrapa?*

**GI-** A soja. As sementes eram oriundas da região central do Brasil e quase sempre vinham para o estado com má qualidade e as condições de clima e solo não deixavam que fossem produtivas. Havia a necessidade de pesquisar aqui e observar a genética sob as condições edafoclimáticas existentes. Hoje subsidiamos 100% da pesquisa de melhoramento genético em diferentes locais situados nos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Pará.

*MI - Podemos então dizer*

*que o fato da região de Balsas ser a maior produtora de soja do estado teve um 'empurrão' da Fundação?*

**GI** – Sim, tem todo o mérito. O mérito da Embrapa consiste numa genética com estabilidade de produção. Isso significa que, chova ou faça sol, a planta é produtiva. Existem hoje no mercado muitos mate-

---

***“No Agrobalsas, devemos ter dois novos lançamentos transgênicos.”***

---

riais e os da concorrência, quase sempre multinacionais, são os mais dinâmicos. Mas os nossos, quando plantados, não deixam o produtor na mão. A partir de 2003, passamos destes estados citados para outros 12. Trabalhamos com grandes sementeiros no Brasil. Estas cultivares estão sendo plantadas em 45 mil hectares na Venezuela, Guianas e agora

testadas em Gana, na África. No Agrobalsas, devemos ter dois novos lançamentos transgênicos. Sobre pesquisa a FAPCEN sente a necessidade do plantio direto e preservação do solo através da rotação de culturas para sair da monocultura.

*MI – Na prática quer dizer que passamos de meros consumidores para exportadores de tecnologia nessa área?*

**GI** – Sim, com muito orgulho. A soja é a fonte de maior proteína alimentar. Aonde vai acaba com a miséria da fome. Atrás dela vêm os investidores e promovem empregos. Na verdade, a Embrapa abriu um caminho iniciado em 1960, no Rio Grande do Sul; em 1980, Paraná e São Paulo; em 2000, no Nordeste do Brasil, onde houve uma quebra de paradigmas e tanto. A nossa participação e maior desafio também foi formar a tecnologia da produção de sementes em nosso estado. Todos diziam que aqui era impossível produzir sementes. Quebramos isso, vencemos e agora competimos em qualidade com outros estados. Tudo a partir de 2000.

*MI – Você falava em outras culturas. Quais são os projetos? Há algo em relação ao girassol?*

**GI** – Sim. O presidente do Banco do Nordeste participou da edição do Agrobalsas em 2006. Na ocasião, ele nos disse que como fonte energética acreditava muito no girassol. Entramos com um projeto e testamos materiais com ótimos resultados em três épocas distintas: plantio







junto com a época da soja, na safrinha e após a safrinha. Junto com a soja os resultados foram fantásticos, mas o sojicultor não vai pra outro ramo do negócio se não tem continuidade. A soja é muito forte nisso. Na safrinha os resultados também foram bons.

*MI – Então o objetivo é desenvolver sementes de qualidade?*

**GI** - De muitas plantas são escolhidas as que se sobressaem. Chamamos de linhagens. São bilhõess testadas em diferentes locais. Um trabalho de pesquisa leva de cinco a 10 anos para lançamento de uma nova cultivar. Das linhagens sai a semente genética que é lançada ao mercado. Daí colocamos esse resultado nas mãos dos associados cotistas da FAPCEN, que estão em 12 estados. Eles multiplicam para fins comerciais. Recolhem as taxas tecnológicas sobre as sementes comercializadas no Brasil e desta receita colocamos novamente os recursos em novas pesquisas. O desafio está em produzir sementes de qualidade mesmo com

---

***“O desafio está em produzir sementes de qualidade mesmo com toda a concorrência.”***

---

toda a concorrência.

*MI - Então é um negócio lucrativo?*

**GI** - Sim, um nicho de mercado muito interessante e atrativo. A FAPCEN cobra sobre o lucro, sobre a venda. Se eles não venderem não precisam pagar nada.

*MI - É daí que vem todo o recurso que mantém a Fundação?*

**GI** - Uma grande parte sim. Outra dos ensaios de fitotecnia realizados junto a outras empresas de defensivos (herbicidas, fungicidas) como BASF, BAYER, etc. E ainda dos eventos

que realizamos para transferência de tecnologias. É difícil uma empresa brasileira competir nesse mercado. Um campo de pesquisa é muito caro. Temos dificuldades em mão-de-obra especializada. Um Plano Anual de Trabalho gira em torno de R\$ 800 mil a R\$ 1 milhão/ano para continuidade da pesquisa.

*MI – Dos estados que você citou, qual é a posição do Maranhão como produtor de soja e de tecnologia na área? Somos mesmo uma fronteira agrícola?*

**GI** - Não. É errado dizer isso e tem que ser muito bem entendido quando dizemos que somos ‘fronteira’. Isso não atrai investidores. A fronteira agrícola iniciada em 1978, consolidada em 1998 por grandes grupos que vieram abrir áreas e retornaram depois voltaram quando a produtividade das cultivares foi compensadora em 2000. Deixou a fronteira lá pra trás. O que acontece atualmente são novas áreas que interessam a novos grupos/investidores. O Brasil é o único país que possui áreas para serem abertas e elas estão no Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. São quase 4 milhões de hectares, isso sem esbarrar no limite imposto pela Floresta Amazônia. A única fronteira agrícola no Brasil atualmente está em Roraima. O Maranhão é o que tem excelência de áreas de Chapada.

*MI – Em que outras regiões do Maranhão, além de Balsas, o estado tem potencial para produção de grãos? A Região de Chapadinha é uma delas?*

**GI** - A FAPCEN atua em todo o estado nas áreas que produzem soja. As cultivares desenvolvidas pelo convênio são direcionadas às regiões de baixa altitude, sendo que o mercado denominado “linha do Equador” é o que mais se beneficia em produtividade nas áreas plantadas. Temos produtor de sementes de soja em Touros/RN, a 10 km da praia, 40 m de altitude, com produtividade acima de 55 sacas/hectare. Outro em Limoeiro/CE. Ambos produzem sementes para o Sul do Maranhão e Piauí e Chapadinha, ao Norte do estado. As áreas do pólo agrícola de Balsas situam-se em 455 mil hectares, podendo atingir até 1,5 milhão de hectares em condições semelhantes de clima e solo das regiões Centro-Oeste do Brasil. Nossos produtores estão conectados às novas tecnologias e em muitas fazendas as médias de produtividade alcançam números superiores aos que eles colhem em fazendas de outros estados. Para isso, plantam soja, rotacionam com milho, fazem integração lavoura/pecuária e utilizam tecnologias preventivas quanto às principais pragas e doenças. O Pólo de Chapadinha tem muito ainda a avançar com excelente logística, já que está localizado a 180 km do Porto do Itaqui. A grandeza do Maranhão é mostrar o quanto ainda temos

a avançar.

*MI – Com esses investimentos tecnológicos estamos mais próximos de ampliarmos ainda mais a cadeia da soja, a exemplo da produção de biodiesel?*

**GI** – Temos capacidade de produção e novos negócios na agricultura e pecuária. Atualmente, 80% da produção da soja é exportada. Um ponto negativo é que para a capacidade do volume necessário das com-

---

*“Nosso objetivo é atrair novos investidores à região e incrementar toda a cadeia produtiva.”*

---

pradoras de grãos instaladas em Porto franco, há necessidade de adquirir soja do Mato Grosso, Goiás, Tocantins, Bahia, etc. Ainda não somos suficientes e por isso temos que avançar mais. A verticalização dos produtos é a palavra-chave para que isso aconteça. Necessitamos com urgência interagir com as pequenas ilhas formadas no estado voltadas para negócios independentes, por exemplo, Açailândia (floresta),

Imperatriz (pecuária) e Balsas (soja). É necessário transferir tecnologias de uma localidade a outra, pois o reflorestamento, por exemplo, é outra atividade que merece ser explorada no pólo de Balsas. Tudo isso para dizer que temos espaço para biodiesel sim.

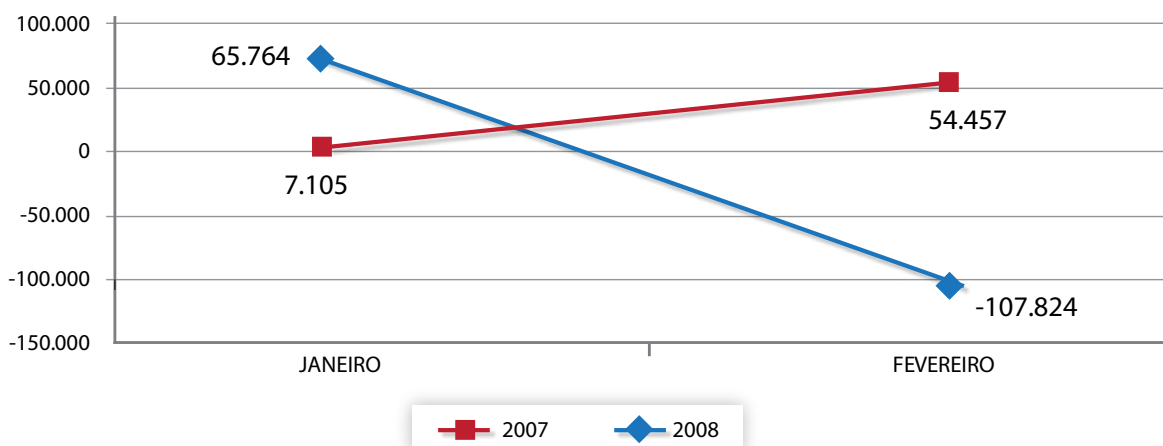
*MI – Qual a expectativa de negócios para esta edição do Agrobalsas?*

**GI**- O Agrobalsas teve sua primeira edição em 2000. Como a FAPCEN possui empresários e revendas do agronegócio, verificou-se a necessidade de reunir em um único local as novidades do setor tecnológico. Até hoje não conseguimos realizar volumes de negócios, quando o comparamos a outros eventos como Agrishow. O principal atrativo do Agrobalsas é o ciclo de palestras e debates que interligam pensamentos e mostram nichos de mercado interessantes, além de serem discutidos assuntos comentados em nível internacional com palestrantes de renome. Outro fato importante é atingir escolas visando a especialização agropecuária para o futuro da mão-de-obra, dificuldades sentidas pelos empresários na região. Todas as atividades isoladas realizadas pelos parceiros (SEBRAE, SENAI, EMBRAPA MEIO NORTE) são concentradas nesta semana. Outro ponto interessante é trazer acadêmicos de vários cursos para pesquisas direcionadas às nossas necessidades, parceria já firmada entre FAPCEN e FAPEMA. O nosso objetivo é atrair novos investidores à região e incrementar toda a cadeia produtiva. ■



# Déficit na balança comercial em 2008

Saldo da Balança Comercial de Jan-Fev de 2008 em US\$1.000 fob



Fonte: SECEX/AliceWeb; Elaborado: FIEMMA/CIN

Em 2008, nos meses de janeiro e fevereiro, o Maranhão obteve déficit na Balança Comercial, apresentando mais de US\$ 42 milhões de saldo negativo – o que representa uma variação de -168,32% em relação ao mesmo período do ano de 2007. As exportações, comparando com o ano passado, decresceram cerca de 9%. Já as importações sofreram consideráveis acréscimos, de US\$ 274 milhões para US\$ 349 milhões.

A exportação maranhense de produtos básicos apresentou uma diminuição, com variação negativa de 2,48%. Os produtos industrializados também registraram decréscimo, apresentando diminuição com relação aos semimanufaturados e aumento de 47% dos produtos manufaturados. Considerando o montante exportado pelo estado (em US\$ FOB), é perceptível que a diminuição das exportações do estado se deu, em grande parte, graças aos produtos industrializados, pois os produtos industrializados sofreram redução em termos de participação no total geral: 256 milhões em 2007, contra 229 milhões em 2008.

A pauta exportadora maranhense continuou composta, em sua grande maioria, pelos derivados de alumínio e ferro. A soja, em grãos

e farelo que, em 2007 havia ficado logo atrás dos metais comuns (2º), ficou em sexto. Um dos fatores para essa queda foi o aumento do seu preço, que apresentou uma variação de 58,67%, aumentando de US\$ 268,95 (fev.-2007) para US\$ 426,75 (fev.-2008). O valor exportado dos seis primeiros produtos representou mais de 98% do total enviado ao exterior.

Os Estados Unidos fecharam o mês de fevereiro liderando o *ranking* de exportações. Vale e Alcoa Alumínio S/A finalizaram o mês de fevereiro de 2008 na primeira e segunda posição e, na terceira, encontrou-se a BHP Billiton Metais S/A entre as empresas localizadas no estado que mais exportaram.

Em termos de importação, o “gasóleo” (óleo diesel) foi, mais uma vez, o produto mais comprado pelo estado, correspondendo a 44,45% do total. Isso possibilitou um saldo negativo da Balança, além do maior valor de importações de querosenes de aviação, com aumento de 126% e outros cloretos de potássio, com aumento de quase 573%.

Dentre os países fornecedores do Maranhão, os Estados Unidos se encontram em 1º lugar. A Índia, que havia ficado em 1º no ano de 2007 ficou na 3º colocação, atrás da Rússia. Como novidades, apareceram Holanda e Grécia. ■



# SIMPLES IDÉIAS, NEGÓCIOS GENIAIS

## O maranhense é empreendedor, mas falta estímulo para alavancar novas idéias de negócios

Por Érika Rosa

O mundo moderno não é o de carteira assinada, é o da renda. Quando o empreendedor se lança no mercado, ele gera empregos, movimenta a economia e constrói uma sociedade melhor. Mas no Maranhão a cultura empreendedora ainda está “engatinhando”, avaliam consultores, empresários e pessoas envolvidas com gestão de negócios.

“O maranhense é empreendedor. O que faltam são mais programas que estimulem a cultura empreendedora, que orientem sobre como começar e manter um negócio, além de microcrédito facilitado”, afirma o presidente da Associação Comercial do Maranhão, José de Ribamar Barbosa Belo. Ou seja, não basta ter vocação, é preciso ajuda especializada para ultrapassar o “caminho das pedras”, comum no início de qualquer empresa, além de crédito sem a exigência excessiva de garantias que um iniciante nos negócios dificilmente terá.

Para preencher parte dessa lacuna, iniciativas que despertam nos jovens, desde cedo, o espírito empreendedor, como as do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), da Associação Junior Achievement (AJA) e da Associação de Jovens Empresários, são apontadas como instrumentos importantes. Da mesma forma são destacados os programas

de capacitação empresarial para quem já está no mercado, a exemplo dos desenvolvidos pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL), instituição que integra o Sistema FIEMA.

Para o diretor-executivo da Associação Junior Achievement do Maranhão, Hélio Maia Neto, que há quatro anos trabalha estimulando o empreendedorismo de jovens em escolas públicas e particulares, o maranhense tem tendência empreendedora, “principalmente os das classes mais baixas”, observa. São pessoas, segundo ele, que, ao terem acesso ao conhecimento, têm mais garra de seguir adiante, pois vêm na montagem de um negócio próprio a oportunidade de melhorar de vida.

Esse despertar é um dos fatores que têm garantido o sucesso do programa Miniempresa, que já atendeu a cerca de 5 mil jovens no Maranhão desde 2004. Além de estimular o empreendedorismo, a iniciativa dá melhores condições de competitividade no mercado de trabalho. Ao longo do aprendizado teórico, os jovens – estudantes do Ensino Médio - têm noções sobre Marketing, Recursos Humanos, setor Financeiro e Administração. Ao final do curso, os alunos montam miniempresas, onde põem em prática tudo o que aprenderam.

“O trabalho é educativo e ajuda o jovem a planejar um empreendimento, calcular riscos. Esse conhecimento é para a vida inteira



e muitos têm seguido pelo caminho do empreendedorismo mesmo”, conta Hélio Maia, acrescentando que o trabalho está apenas no início e ainda tem muito o que avançar.

Esse estímulo desde cedo é necessário para o processo de fortalecimento da cultura empreendedora no Maranhão, avalia o coordenador-geral do Conselho de Jovens Empresários (Conjovem/MA), Márcio Marinho Arouche. Segundo ele, o maranhense, por falta de uma cultura empreendedora, é muito acomodado, se comparado a pessoas de estados vizinhos. “Vemos que boa parte das pequenas e médias empresas que são abertas no Maranhão pertence a empresários de outros estados. Precisamos ocupar nosso espaço”, salienta Arouche.

Nesse contexto, o coordenador do Conjovem destaca a importância de o empresário se qualificar, buscar informações sobre seu negócio, por meio de cursos de capacitação. “Temos cursos muito bons oferecidos pelo Sebrae, IEL e Senac, por exemplo. E não precisamos trazer capacitadores de fora, pois temos excelentes profissionais aqui mesmo. São investimentos que o empreendedor deve buscar”, opina o empresário, que concluiu um curso de Gerenciamento no IEL, no qual se atualizou em administração, finanças, marketing, planejamento e segurança no trabalho.

## ARREGAÇAR AS MANGAS

Quem acredita no seu potencial, aproveita oportunidades e não tem medo de ousar, de início já é considerado um empreendedor. Mas só estas características não bastaram para a maranhense Maria de Lourdes Carneiro Ferreira, proprietária da fábrica de painéis Panelar, instalada no Jardim São Cristóvão, obter sucesso nos negócios. “É preciso arregaçar as mangas, buscar conhecimento e se estruturar, senão a concorrência te atropela”, ensina.

Há 16 anos, a empresária começou fabricando painéis junto com três empregados em uma sala alugada e vendendo a produção nas feiras de São Luís. Hoje, é dona de uma fábrica que tem duas linhas de produção: de chapas

de alumínio e de painéis, está instalada num imóvel de 3 mil metros quadrados e emprega 40 pessoas. Além de todo o Maranhão, vende para o Piauí, Ceará e Pará.

“No começo foi muito difícil, pois embora eu soubesse que era um ramo para o qual havia mercado, não tinha conhecimento em vendas e gestão financeira. Sem tempo e dinheiro para fazer cursos, aprendi muito observando os concorrentes e visitando fábricas em outros estados”, conta Maria de Lourdes, que anos depois buscou qualificação por meio de cursos de capacitação, os quais lhe deram mais segurança para expandir os negócios.

Atualmente, a empresária pensa em montar uma unidade de produção no Ceará. “Lá, o governo atrai investimentos com vários incentivos, iniciativa que, infelizmente, não vemos no Maranhão, o que é uma pena, pois sabemos que é a indústria que gera empregos e que movimentava o comércio”, destaca a empresária.

Segundo dados da Junta Comercial do Maranhão (JUCEMA), no primeiro bimestre deste ano, foram constituídas 798 empresas no estado, sendo mais de 90% micro e pequenas empreendedoras. No mesmo período, foram extintas 230 empresas.



Para o consultor empresarial Tadeu Edson Borba, que há 13 anos trabalha orientando micro e pequenos empresários, embora sem dados estatísticos recentes, a tendência do empreendedorismo por necessidade é clara no Maranhão. A estimativa é que 65% dos empreendedores maranhenses iniciem o negócio dessa forma. “São pessoas que não têm um plano de negócios, não levantaram todas as informações necessárias sobre o empreendimento e, por isso, terão maior dificuldade para tocar a empresa”, explica.

Isso não quer dizer, ressalta Borba, que quem começou um negócio por necessidade não obtenha sucesso. “Mas a probabilidade de que o empreendimento não dê certo é muito menor”, completa.

O resultado dessa situação é o número elevado de empresas que fecham com até dois anos de vida, principalmente no setor do comércio. “No setor de serviços, a sobrevivência é maior, chega aos três anos, pois são empresas mais fáceis de se manter, com menos empregados”, observa Lula Fylho, consultor de empresas do setor de comércio.

## CRÉDITO

Quem começa um negócio, precisa de crédito. Para tanto, os bancos exigem garantia. Mas, no Maranhão, e no país de forma geral, o empreendedor que busca empréstimo não pode oferecer seu empreendimento como garantia, o que é um complicador.

“Há muitos recursos nos bancos públicos e privados, mas o empresário não tem capacidade comprovada para pagar o financiamento, aí o crédito a juros baixos não sai”, diz Tadeu Borba.

“O empreendedor por necessidade tem pressa. Se ele não obtém o financiamento no microcrédito, buscará empréstimos com juros bem maiores como do cartão de crédito e do cheque especial”, acrescenta Lula Fylho. Francinilde Ferreira é um bom exemplo da dificuldade por que passam os microempresários. Quando abriu uma empresa na área de serviços, ouviu da maioria dos bancos a que recorreu que precisava esperar um ano para obter crédito, capital de giro e até abrir uma conta. “Durante esses 12 meses iniciais, sem crédito, aumentam as minhas chances de fracassar no negócio”, lamentou ela.

“Não há mistério. Tem que ser disponibilizado microcrédito e exigida microgarantia. Muito já foi feito, mas ainda falta incentivo ao empreendedor não só no Maranhão, mas no Brasil”, completa o empresário José de Ribamar Barbosa Belo.

## INFORMALIDADE

Uma outra realidade dos empreendedores maranhenses é a informalidade, conforme destaca o presidente da Associação Comercial do Maranhão, José de Ribamar Barbosa Belo. “Há tantos tributos, taxas e encargos, que a saída para muitos empreendedores é a informalidade”, afirma. Ele exemplifica com o custo que um empresário tem para registrar um rótulo. “Paga-se 470 reais, além



de taxas e outros tributos”, acrescenta.

Para ele, a Lei Geral da Micro e Pequenas Empresa, que seria um incentivo para muitos negócios saírem da informalidade, acabou penalizando os empreendedores maranhenses. “A Lei Geral extinguiu o tratamento tributário

diferenciado do qual as MPes maranhenses desfrutavam e estas terão que pagar mais ICMS”, explica o presidente da ACM. Para resolver o problema, a Associação quer que o governo do estado resolva essa distorção por meio de Decreto. ■

## UM PLANO PARA EMPREENDER

Dentro do Plano Estratégico de Desenvolvimento Industrial do Maranhão, o empreendedorismo está presente por meio de programas que preparam e capacitam a mão-de-obra local, desenvolvidos pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL). Um dos mais importantes é o Projeto Desenvolvimento de Jovens Empresários, desenvolvido desde 2006 pelo



Instituto, o qual já qualificou mais de 2 mil pessoas em todo o Maranhão.

O estímulo ao empreendedorismo também é disseminado nas escolas mantidas pelo SESI e SENAI, desde o ensino fundamental, passando pelo médio e profissionalizante. Neste trabalho é decisivo o apoio da FIEMA por meio da Associação Junior Achievement, da qual a federação é uma das mantenedoras.

“É uma questão cultural. Sabe-se hoje que filhos criados no ambiente de emprego, dificilmente tornam-se empreendedores, e vice-versa. Por isso é importante se trabalhar o tema desde a infância, nem que seja na escola”, afirma Marco Antonio Moura, superintendente da FIEMA. Moura, que também é professor universitário, acrescenta que, quando o tema é tratado somente na universidade, parece ser “tarde demais”, pois torna-se mais difícil modificar a mentalidade dos universitários e fazer surgir novos empreendedores.

Marco Moura avalia que o empreendedorismo ainda tem muito a avançar no estado, e complementa que o mais importante é a criação de um clima propício para atividades empreendedoras, como o que vem sendo feito pelas ações do Plano de Desenvolvimento Estratégico do Maranhão.



# MARANHÃO DE OPORTUNIDADES

É preciso desenvolver as principais cadeias produtivas de nosso Estado. Produção de grãos, pecuária, minério de ferro e alumínio saem do Maranhão na forma mais simples, bruta, quase sem beneficiamento. E isso significa milhões de reais em divisas que não são recolhidos e que poderiam ser aplicados para resolver grande parte de nossos problemas sociais. Num esforço do Governo, através da Secretaria da Indústria e Comércio, esse quadro começa a mudar. Hoje já estão confirmados 32 novos investimentos industriais na área de geração de energia, biocombustíveis, alimentos, metalurgia, mineração, entre outras. Ao impulsionar nossas principais cadeias produtivas o Governo do Maranhão coloca nosso Estado num novo patamar de desenvolvimento.





## GRÃOS



soja, milho,  
algodão, girassol

biodiesel

óleo de soja

óleos especiais

farelo para ração  
animal

## MINÉRIO DE FERRO



ferro-gusa

pelotas

aço

siderurgia

## ALUMÍNIO



ligas especiais

perfis e chapas para  
construção civil

rodas de liga leve

fios, cabos etc

## PECUÁRIA



gado de corte

pecuária de leite

frigoríficos

laticínios

couro e calçados

Av. Prof. Carlos Cunha, S/N, Ed. Nagib Haickel, Sl. 201 - Calhau - São Luís-MA  
CEP: 65065-180 - Fone: (98) 3218.9213 - Fax: 3218.9229 - [www.sinc.ma.gov.br](http://www.sinc.ma.gov.br)



# SUDENE BUSCA RECUPERAR CREDIBILIDADE

## Execução de novos projetos requer parceria entre governos e a instituição

*Por Ribamar Cunha*

A Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), crucificada por escândalos de corrupção e desvios de recursos, que levaram à sua extinção em 2001, no governo Fernando Henrique Cardoso, conseguiu ressuscitar das cinzas, seis anos depois (2007), no segundo mandato do presidente Lula, sob a aura da ética e da transparência, valores por meio dos quais a instituição buscará retomar sua credibilidade perante a sociedade brasileira.

Para mostrar e convencer a sociedade que a nova Sudene é uma proposta do governo para desenvolver a região e não uma resposta política (promessa de campanha), como se deu em relação à Agência de Desenvolvimento do Nordeste (Adene), que nunca saiu do papel, o superintendente Paulo Sérgio de Noronha Fontana, tem feito um trabalho de formiguinha. E o caminho desse convencimento passa necessariamente pelo Fórum de Governadores do Nordeste, que tem sido o ambiente propício a essa aproximação.

Mas a intenção de Paulo Fontana é visitar todos os estados nordestinos até junho. A visão pra lá de otimista do superintendente da Sudene, é que a partir da visita aos estados, a

instituição comece a ser demandada. “Tenho certeza que, após essas visitas aos estados, vamos ter uma enxurrada de projetos e nós queremos implantá-los com base nas diretrizes dadas pelos governadores”, afirmou Paulo Fontana.

O recado foi dado: o envolvimento dos governadores é fundamental na defesa dos interesses dos seus estados, especialmente em relação a projetos que tenham foco no desenvolvimento regional, a exemplo daqueles voltados para infra-estrutura, como energia e logística de transporte, dois dos principais gargalos ao crescimento do país.

Para Luiz Fernando Renner, representante da Federação das Indústrias do Maranhão (FIEMA) no Conselho de Integração Nacional da CNI, é importante, nesse novo cenário de recriação da Sudene, que o governo do estado identifique, no setor empresarial, quais os principais gargalos de infra-estrutura, e busque os recursos necessários. “É fundamental o papel do governo como articulador das demandas dos estados perante a Sudene”, observou.

A primeira escala de Paulo Fontana será em Salvador (BA), nos dias 8 e 9 de maio. Logo após, ainda sem data marcada, o périplo do superintendente, de expor o que a Sudene tem a oferecer em termos de incentivos fiscais



e financiamentos, se estenderá a Sergipe e Rio Grande do Norte.

Antes, porém, dia 25 de abril, em Alagoas, ocorre a instalação oficial do Conselho Deliberativo da Sudene, integrado por governadores, ministros, prefeitos, superintendente da instituição, presidente do Banco do Nordeste e representantes da classe empresarial e de trabalhadores, com atuação nas áreas de agricultura, comércio e indústria.

Trata-se de reunião histórica, pois além de marcar a instalação do Conselho, é a primeira vez nos últimos sete anos que a Sudene delibera a aprovação de projetos. Na pauta, a apreciação dos pleitos de financiamento da Usina Eólica de Paracuru, orçado em cerca de R\$ 220 milhões, no estado do Ceará, e da indústria de revestimento cerâmico Porcelanatti, no Rio Grande do Norte, que demanda investimentos de R\$ 92 milhões. Se aprovados os projetos, o Fundo de Desenvolvimento do Nordeste (FDNE) financiará 60% dos recursos.

Segundo Paulo Fontana, desde a sua recriação, a Sudene recebeu 26 pleitos de financiamento, um dos quais, uma carta-consulta encaminhada pela Companhia Energética do Maranhão (Cemar), que prevê investimentos de R\$ 260 milhões em transmissão de energia elétrica, sendo R\$ 156 milhões do FDNE. “A carta-consulta já foi aprovada e estamos aguardando que a Cemar encaminhe o projeto para análise”, informou o superintendente. A direção da Cemar não quis dar mais detalhes acerca do projeto.

Paulo Fontana deixa claro que o apoio a projetos na área de infra-estrutura, a exemplo do pleito apresentado pela Cemar, será um dos grandes focos da nova Sudene, que hoje dispõe de R\$ 1,3 bilhão em orçamento. Montante que poderá crescer para R\$ 6,9 bilhões, caso a instituição consiga da União o ressarcimento de R\$ 5,6 bilhões que não foram destinados ao

FDNE, no período de 2001 a 2005. “Estamos pleiteando que esses recursos sejam repassados de forma parcelada (em três vezes), nos anos de 2009, 2010 e 2011”, disse Paulo Fontana.

## **INCENTIVOS FISCAIS**

Além de recursos para financiamento de projetos, a Sudene garante incentivos e benefícios fiscais a empreendimentos na sua área de atuação. Como por exemplo, a redução de 75% do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ) para projetos de implantação, modernização, ampliação ou diversificação da linha de produção. Para a manutenção de empreendimentos existentes na região, a redução do imposto é de 25% até 31 de dezembro deste ano. A partir de 1º de janeiro de 2009, o benefício cairá para 12,5%.

A empresa também poderá reinvestir 30% do imposto devido em projetos de modernização ou complementação de equipamento do seu parque produtivo. Esse incentivo poderá ser utilizado até o ano de 2013.

Da mesma forma que até o ano de 2010, empreendimentos que venham a se implantar, modernizar, ampliar ou diversificar suas atividades, poderão se beneficiar da isenção do Adicional ao Frete para Renovação da Marinha Mercante (AFRMM) e da cobrança do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) nas operações de câmbio realizadas para pagamento de bens importados.

## **COMPROMISSO**

Com a experiência de quem dirigiu por 12 anos o escritório da Sudene no Maranhão, o ex-coordenador Jonas Morelli, afirma ser fundamental para a sustentação da recriada instituição, a recomposição de sua representação política, o que depende do comprometimento e maior participação dos governadores. No passado, o esvaziamento do Conselho por parte dos chefes dos executivos estaduais, teria

sido decisiva para a perda da força política da Sudene.

Os interesses regionais passaram à margem de prioridades dos governadores no Conselho. “A partir do desinteresse dos governadores em comparecer às reuniões do Conselho Deliberativo, a Sudene perdeu representação política e orçamento, o que resultou na redução de sua capacidade de planejamento, execução e coordenação das atividades regionais”, observou Jonas Morelli.

Para evitar que isso se repita, o superintendente da Sudene tem participado de todas as reuniões do Fórum de Governadores do Nordeste, conclamando-os a se integrar à instituição, de modo que suas diretrizes estejam afinadas com o planejamento dos estados. “Tenho certeza que é de interesse dos estados estarmos juntos, afinados com o desenvolvimento regional”, disse Paulo Fontana.

Jonas Morelli defende que a Sudene tenha uma representante nos estados, que seja interlocutor entre o pensamento da instituição e as prioridades necessidades locais, de forma que essa interação orientasse as propostas de desenvolvimento regional. O que concorda o

secretário de Estado de Indústria e Comércio (SINC), Júlio Noronha. “A Sudene deve procurar se integrar às diversas instituições para que possa trabalhar um planejamento harmônico, que atenda aos interesses do estado”, sugeriu o secretário.

No entanto, fisicamente a Superintendência da Sudene já descartou a reativação do seu escritório no Maranhão, que fechou as portas em abril de 2003, por determinação do Ministério da Integração Nacional. Os 17 servidores foram lotados em outros órgãos federais, o prédio, localizado na rua Rio Branco, foi entregue à Gerência Regional do Patrimônio da União e os bens móveis (automóveis, mesas, estantes, cadeiras, etc.) doados à Agência Brasileira de Informação (Abin) e ao Departamento Nacional de Pesquisa Mineral (DNPM).

Segundo Paulo Fontana, a estrutura da Sudene será bastante enxuta, com representações apenas nos estados de Pernambuco (sede da Sudene), Bahia e Ceará. Os interesses do Maranhão e do Piauí serão atendidos pelo escritório cearense, que terá a função de vistoriar obras e promover incentivos fiscais. ■



BANCO DE IMAGENS

## SETOR INDUSTRIAL ESTÁ OTIMISTA EM RELAÇÃO À SUDENE

Muito embora várias de suas propostas em contribuição ao projeto de recriação da Sudene tenham sido vetadas, o setor industrial está otimista em relação à instituição. Pois, após sete anos sem essa referência de desenvolvimento regional, acendeu-se uma luz no fim do túnel de que essa política será retomada e que grandes projetos estruturantes, vitais hoje para o país, possam solidificar ainda mais o ritmo de crescimento da economia, atraindo mais investimentos para a região.

“A Sudene é um instrumento fundamental para o país, não somente pela locação de recursos financeiros e concessão de incentivos fiscais, mas porque suas diretrizes estão centradas em uma política de desenvolvimento regional”, analisou Luiz Fernando Renner. Essa formulação de planos e diretrizes para as regiões em consonância com a Política Nacional de Desenvolvimento Regional, garantida pela nova Sudene, é fruto de proposta da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Outro fator positivo apontado pelo setor industrial é a definição “das prioridades e dos critérios de aplicação dos recursos dos fundos de desenvolvimento e dos fundos setoriais na sua área de atuação, em especial aqueles vinculados ao desenvolvimento científico e tecnológico”.

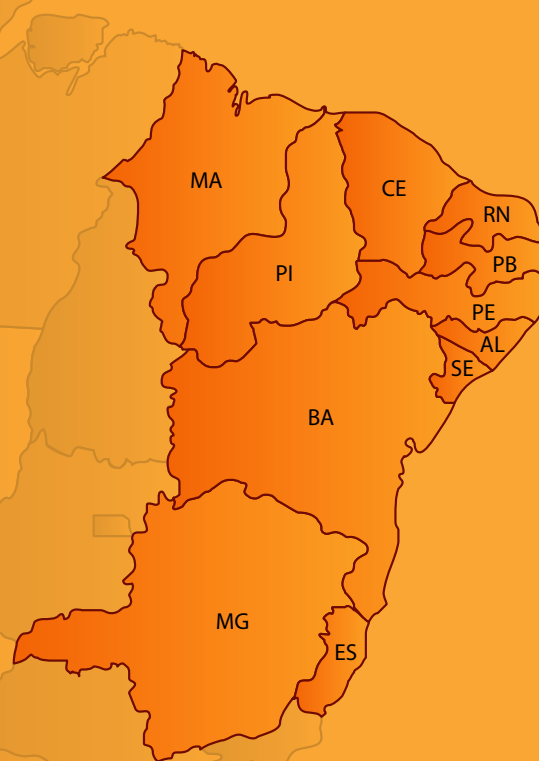
Entretanto, vários pontos defendidos pelo Sistema Indústria ficaram ausentes do projeto de recriação não somente da Sudene, como também da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam). Como por exemplo, a sugestão de que em relação ao prazo de duração dos incentivos fiscais e financeiros, a dotação orçamentária para o FDNE e do FDA, bem como os incentivos fiscais, fossem mantidos até que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das regiões alcançasse 80% do IDH nacional, sem condicioná-los a uma data específica.

Segundo Luiz Fernando Renner, hoje uma das maiores preocupações do setor produtivo se dá em relação ao estoque de dívidas

dos fundos constitucionais, que chega a R\$ 7,5 bilhões, dos quais R\$ 2,5 bilhões correspondem à inadimplência da atividade industrial. Na discussão dos projetos de recriação da Sudene e da Sudam, o Sistema Indústria propôs ao governo que se criasse um mecanismo para a renegociação dessas dívidas, mas não foi atendido.

O governo se comprometeu em criar um grupo interministerial para discutir esse enorme passivo dos fundos constitucionais, mas não houve avanço. O assunto está sendo acompanhado e cobrado sistematicamente pelo Conselho Temático de Integração Nacional da CNI. “Sem esse avanço, hoje a solução desse estoque de dívidas passa pelo Congresso Nacional”, frisou Luiz Fernando Renner.

### ÁREA DE ATUAÇÃO DA SUDENE:







# ESTADO DE OPORTUNIDADES

Crescimento da população, do nível de emprego e transferência de renda aumentam consumo interno

Por Cíntia Machado

O maranhense está consumindo mais bebidas (- 5,95%), confecções (- 43,54) e impressos gráficos (- 99,51%) fabricados no próprio estado se comparado com dados de 2003. Essa é uma das principais conclusões a que chegou a Pesquisa de Substituição de Importações realizada em 2007 pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL) com apoio do SEBRAE. A análise dos números revela um mercado de R\$ 1,36 bilhão em produtos industrializados e agrícolas que o Maranhão adquire de outros estados e que em curto prazo pode passar a produzir.

Em 2003, quando do primeiro levantamento, esse mercado era de R\$ 848 milhões. Se comparado ao Produto Interno Bruto do estado, que naquele ano foi de R\$ 18,4 bilhões, o valor correspondia a 4,58% do PIB. “Motivado pelo aumento do índice de emprego; recursos injetados por programas sociais do governo federal; pelo aumento da população e do consumo, esse mercado hoje é de R\$ 1,36 bi, um aumento de mais de 60% em relação a 2003”, analisou Afonso Sérgio de Oliveira, superintendente do IEL e coordenador da pesquisa. Se comparado ao último PIB divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referente a 2005, o valor corresponde a 6,37% do produto interno maranhense.

De fato a população maranhense saltou de 5,9 milhões de habitantes em 2003, ano da primeira pesquisa, para 6,1 milhões em 2005, últimos dados disponibilizados pelo IBGE. O Produto Interno Bruto também cresceu e a participação do estado em relação a tudo que o país

produz, apesar de ainda ser tímida, avançou. Em 2003, o estado era responsável por 1,09% do PIB nacional. Três anos depois, esse percentual foi elevado para 1,18%. Dados do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) demonstram que os

programas Bolsa-Família e Vale-Gás atendem cerca de 730 mil famílias no estado, o que representa uma injeção de mais de R\$ 330 milhões por ano no mercado local. Em 2006, a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD) revelou que o Maranhão foi o estado do Brasil com o segundo maior percentual de domicílios (41,3%) que contaram com transferência de renda.



Em números absolutos, o Maranhão ainda gera menos postos de trabalho com carteira assinada que Pernambuco e Bahia, por exemplo. No entanto, em termos percentuais, a oferta de emprego no Maranhão cresceu mais do que em todos os estados do Nordeste no ano passado. A variação em relação a 2006, de acordo com dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)/CAGED, foi de 6,36%.

Em 2003, a variação registrada em comparação com o ano anterior foi de apenas 3,18%. Todos esses dados também confirmam

o crescimento do consumo e apontam para nichos de mercado interessantes para quem pensa em investir no estado.

## ORIGEM

A sócia-proprietária da Fiori Oliveira Indústria de Confecção Ltda, Margareth Fiori Oliveira, dá um bom exemplo do que

ocorreu com o setor nos últimos anos. “Mantivemos os preços compatíveis e a qualidade, enquanto aumentamos a nossa capacidade de produção e ampliamos a distribuição para o interior do estado por meio de representantes”, disse. De 2006 para 2007, a empresa cresceu mais de 30% e a meta para este ano é continuar crescendo nesse ritmo. A empresa, especializada em moda feminina adulta, criou uma nova marca para venda no varejo e este ano inaugura uma loja virtual.

No ranking dos estados que mais ven-

dem para o Maranhão, que em 2003 eram São Paulo, Ceará, Piauí, Pernambuco e Minas Gerais, nesta ordem. Houve uma inversão. Em 2007, São Paulo manteve-se no topo, mas foi seguido pelo Pará, Tocantins, Mato Grosso e Minas Gerais. Isso significa que o estado está comprando menos confecção, que aumentou a cota de carvão vegetal usado nas siderurgias e está comprando mais soja.

“A concorrência com os produtos do Ceará, Piauí, Goiás e São Paulo ainda é muito forte. O nosso cliente continua viajando, mas para ver peças que complementem as compras feitas aqui. A alíquota de ICMS (Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços) cobrada no estado, de 17%, e o preço da matéria-prima adquirida no Sul e Sudeste, que corresponde a 60% do custo de produção, são dois fatores que impedem o setor de avançar ainda mais”, avaliou Margareth Fiori.

Em relação ao setor de couro e calçados, que reduziu as importações em mais de 17%, e de bebidas (6%), que inclui água mineral, a coordenação da pesquisa aponta esse resultado como consequência do retorno de indústrias de curtimento de couro em Bacabal e a atuação de empresas como Mar Doce e Lençóis Maranhenses, respectivamente. A redução de quase 100% nos impressos gráficos produzidos em outros estados está associada à aquisição de mais artefatos de papel (170%), compra de novos equipamentos e atendimento de serviços antes realizados fora do estado.

## IMPORTAÇÕES

Do outro lado da balança estão soja (277 milhões), carvão (R\$ 105 milhões) e arroz descascado (R\$ 93 milhões). Juntos, os três produtos corresponderam a 31 % das importações no ano passado. “Na inversão do ranking dos estados de origem, Pará, Tocantins e Mato Grosso ganharam destaque em função do carvão vegetal e da soja. “No primeiro caso, há uma preocupação crescente das indústrias de ferro gusa com a questão ambiental. Já o segundo



demonstra que o Maranhão é um importante corredor de exportação da soja dos estados vizinhos. O que precisamos agora é aumentar o beneficiamento local dessa matéria-prima”, disse Afonso de Oliveira.

Os investimentos do Grupo Algar em Porto Franco, com a instalação da esmagadora de soja ABC Inco, e a perspectiva de aumentar a capacidade de armazenagem de grãos testemunham o crescimento da demanda por soja. O estado, que tem uma produção atual de 1,1 milhão de toneladas/ano de soja, dispõe de 2,8 milhões de hectares para cultivo de soja e de outras oleaginosas. Sem contar com a produção de farelo e ração animal para desenvolvimento da avicultura, piscicultura e suinocultura, a soja é hoje a principal oleaginosa com potencial de conversão em biodiesel no Maranhão. A estimativa da Companhia Nacional de Abastecimento é que a safra este ano tenha um acréscimo superior a 5%.

Outro dado que chamou a atenção na pesquisa foi a redução da produção interna de artefatos de plástico, que sofre com os efeitos da globalização da economia e passou a importar 121% a mais que em 2003. “Nós não temos mais demanda para embalagens plásticas, pois hoje a maioria dos produtos já vem embalada. Nos últimos anos, no segmento de embalagens as indústrias locais foram desativadas ou passaram a trabalhar com plástico reciclado. Com

a baixa do dólar, houve um reavivamento das lojas de R\$ 1,99 com produtos made in China e com os quais o país não tem como concorrer”, explicou Mário Machado Mendes, presidente do Sindicato das Indústrias de Plástico em Geral do Estado do Maranhão.

Engrossam a lista dos itens com aumento na importação a farinha de mandioca, laticínios, biscoito, ovos, cimento e móveis, só para citar alguns. Nesse sentido, é cada vez maior a dependência em relação a outros estados. Em 2003, foram R\$ 3,8 milhões em ovos; já em 2007 esse valor subiu para R\$ 18 milhões. O estado passou de R\$ 11 milhões em aquisições de móveis para R\$ 30 milhões.

Durante a realização da Movelnorte em 2006, no município de Imperatriz, segundo maior mercado consumidor de móveis do estado, foram negociados R\$ 40 milhões, extrapolando todas as previsões do Sindicato das Indústrias Moveleiras de Imperatriz e Região (Sindimir). De acordo com o Guia de Valor nº 2, da Móveis de Valor, o estado é o 14º em potencial de consumo de mobiliário e artigos do lar. A previsão de consumo em 2003 foi de US\$ 78,531 milhões.

Ainda segundo a pesquisa, São Luis possui uma participação no consumo do estado de 36,32%, em primeira posição, e a cidade de Imperatriz tem 7,75% da fatia, em segundo no ranking. Na ordem de consumo, os demais

## MUNICÍPIOS QUE MAIS IMPORTAM

MUNICÍPIO	2007		2003	
	VALOR	%	VALOR	%
São Luís	633.153.815,64	46,1251	633.153.815,64	46,1021
Imperatriz	166.341.416,62	12,1179	166.341.416,62	16,3794
Acailândia	132.999.366,01	9,6890	132.999.366,01	5,5780
Balsas	62.593.074,14	4,5599	62.593.074,14	3,5043
Timon	48.748.598,88	3,5513	48.748.598,88	3,3714
Caxias	30.785.820,39	2,2427	30.785.820,39	3,2568
Santa Inês	30.711.168,53	2,2373	30.711.168,53	2,3535
Bacabal	29.103.329,34	2,1202	29.103.329,34	1,7800



## PRODUTOS IMPORTADOS PELO MARANHÃO

GRUPOS DE PRODUTOS	2003	2007	VAR%
	R\$/ANO	R\$/ANO	
Alimentos	241.076.703,61	330.479.154,10	37,08
Artefatos de Metal	1.316.414,10	3.561.078,64	170,51
Artefatos de Papel	3.993.475,24	7.240.832,26	81,32
Artefatos de Plásticos	12.513.203,91	27.659.707,83	121,04
Bebidas	49.537.576,13	46.589.828,75	-5,95
Beleza e Higiêne	51.931.422,22	61.069.190,54	17,60
Carnes e seus Derivados	21.008.130,70	38.955.494,11	85,43
Cerâmica Vermelha	4.231.963,48	9.563.693,56	125,99
Condimentos	279.366,79	11.741.989,48	4.103,07
Confecções e Têxteis	81.804.477,07	46.193.448,65	-43,53
Couro e Calçados	69.803.591,63	57.485.441,93	-17,65
Diversos	30.616.671,92	120.125.050,51	292,35
Frutas e Hortaliças	6.260.423,35	14.067.499,09	124,71
Impressos	535.966,92	2.617,46	-99,51
Leite e Derivados	68.565.547,78	108.998.068,72	58,97
Material de Construção	60.911.742,85	58.445.728,55	-4,05
Material de Limpeza	29.961.372,67	41.670.143,99	39,08
Minerais	2.738,57	3.625.759,58	132.296,09
Móveis e Madeira	21.478.991,35	40.316.377,18	87,70
Oleaginosas e Derivados	92.880.184,94	334.144.682,85	259,76
<b>Geral</b>	<b>848.709.965,23</b>	<b>1.361.933.887,80</b>	<b>60,47</b>

municípios maranhenses são Timon, Caxias, Açailândia, Bacabal, Santa Inês, Balsas, Codó e Barra do Corda. Os demais não chegam a 1% do mercado cada um.

Apesar de não se ter uma pesquisa mais recente nessa área, a demanda por madeira e móveis também pode ser medida como uma das conseqüências do boom vivido pela construção civil no estado e pelo crédito fácil encontrado no comércio varejista. O desempenho do setor fez crescer também a demanda por cimento. No ano passado, foram importados R\$ 45,9 milhões em cimento, segundo a Pesquisa de Substituição de Importação. Com a perspectiva de manutenção do crescimento na construção civil, a fabricação de cimento é apontada também como uma boa opção de negócio.

No estado, existe apenas uma fábrica de cimento Nassau produzido pela Itapecuru Agro Industrial, em Codó. Como não atende a

demanda, o consumo é abastecido por estados como Paraíba e Ceará.

Somente a fábrica de Codó, em 2007, produziu 5,5 mil toneladas do produto. Segundo o Sindicato das Indústrias da Construção Civil, o cimento do Maranhão é o quinto mais caro do país, perdendo para Roraima, Acre, Amazonas e Amapá.

Para o Sinduscon-MA, o estado tem condições de abrigar outras indústrias cimenteiras, o que seria importante para o setor em virtude do aumento da oferta e da competitividade. Como conseqüência, a queda do preço do produto.

Ainda compõem a lista dos setores com boas perspectivas de receber novos investimentos, de acordo com a pesquisa e com dados do Plano Estratégico de Desenvolvimento Industrial do Maranhão ([www.fiema.org.br](http://www.fiema.org.br)), a avicultura, laticínios e hortifrutigranjeiros. ■

# O LUGAR DA INDÚSTRIA

## Distritos Industriais em expansão no Maranhão revelam tendência de crescimento em outros municípios

Por Nina Mochel

Timon, Caxias e Bacabeira devem ser os próximos municípios a terem distritos industriais regulamentados e implantados no Maranhão. Estes municípios foram escolhidos por já possuírem empresas instaladas e por haver demanda para instalação de novos empreendimentos nas regiões. A solicitação de criação dos distritos vem sendo estudada pelas prefeituras e pelo governo do estado, por meio da Secretaria de Estado da Indústria e Comércio (SINC), responsável pelo suporte técnico necessário, administração e adequação da área para abrigar empreendimentos industriais.

Atualmente, somente cinco dos 217 municípios maranhenses possuem distritos industriais de fato consolidados. O maior é São Luís, com mais de 50 empreendimentos instalados. Entretanto, é crescente o interesse de diversas regiões do estado em destinar áreas às indústrias, processo impulsionado, dentre outros fatores, pelo ambiente favorável a negócios instalados no último ano no Maranhão e, conseqüentemente, pela escolha cada vez maior de grandes grupos em vir para o estado.

Para o secretário de Estado da Indústria e Comércio, Júlio Noronha, o maior objetivo da secretaria é tornar os distritos industriais do Maranhão operantes, em pleno funcionamento e ativar as áreas nas quais se encontram empreendimentos paralisados. O ponto de partida para a regulamentação dos distritos é o plano diretor do município, que muitos não possuem e que deve ser aprovado pela câmara municipal, a partir de um decreto do prefeito e de um levantamento

socioeconômico do município.

“A SINC sugere um projeto à prefeitura, verifica as condições do terreno, auxilia nas questões civis e na distribuição dos lotes”, explicou o superintendente de Infra-Estrutura e Política Industriais da Secretaria, César Roberto Coelho Ferreira. Segundo o gestor, a SINC pode orientar a adaptação do local do distrito de acordo com a demanda de empresários que buscam o Maranhão, isto é, apontando a potencialidade e a viabilidade do projeto em cada região.

Bacabeira, por exemplo, município que receberá um investimento de R\$ 5 bilhões relativos à construção da Companhia Siderúrgica do Mearim (CSM) e de um porto exclusivo, é um dos municípios cujo distrito está em fase de implantação. Estão sendo estudados também os distritos de Balsas, Colinas, Grajaú, Açailândia, Rosário, dentre outros. Além da criação dos novos distritos, o governo do estado - em parceria com os municípios - vem reativando os distritos existentes que estavam abandonados e sem investimentos. É o caso de São Luís, Imperatriz e Bacabal.

Em Bacabal, por exemplo, para onde estão confirmadas instalações de pelo menos seis indústrias para este ano, dentre elas, uma de massas e biscoitos e outra de laticínios, o governo e a prefeitura local estão revitalizando o distrito, com serviços de terraplanagem, instalações elétricas e poços para os lotes já negociados. “Nosso distrito possui 30 hectares e a prefeitura tem todo o interesse de continuar investido na área”, disse o vice-prefeito de Bacabal Almir Júnior.

Estão previstos investimentos em infraestrutura e segurança também para o Distrito



Industrial de São Luís ainda para este semestre e a implantação do projeto Pólo Logístico Distribuidor, uma área superior a 800 mil m<sup>2</sup>, que visa concentrar os empresários do ramo distribuidor e atacadista do setor alimentício, contemplando infra-estrutura de combustíveis, transporte, iluminação, dentre outros. Já há a confirmação da ida de grupos como o Maciel, Everton Representações Ltda., Tupy Distribuidora de Produtos LTDA. e mais empresários do setor para a região, que possui área para expansão.

Para o proprietário dos Supermercados Carone, o empresário Antônio Íris, que implantará um empreendimento no local, o projeto irá gerar mais empregos e renda, além de transformar o Distrito Industrial de São Luís. “O Pólo vai dar nova visibilidade, além de melhorar os negócios e aumentar a contratação de mão-de-obra local”, afirmou.

## EXPANSÃO

Mas não só São Luís possui uma área planejada para indústrias. Um bom exemplo é o Distrito Agroindustrial de Porto Franco (Diagro), que abriga hoje a única esmagadora de soja do Maranhão, a ABC Inco S/A e empresas como a Bunge, Cargil e Ceagro. O Diagro é um dos distritos mais competitivos do estado. Em sua área também está o pátio multimodal da Ferrovia Norte-Sul, principal porto seco de transporte da soja até o Porto do Itaqui, em São Luís.

Para o prefeito de Porto Franco, Deoclides Macedo, a parceria com o governo do estado tem sido fundamental para que dentro da política de atração de investimentos o Maranhão tenha áreas apropriadas e bem localizadas para novas

indústrias. “Para Porto Franco temos, inclusive, empreendimentos anunciados recentemente, como a refinaria e a fábrica de envasamento (engarrafamento) pelo Grupo Algar e um investimento em etanol, pelo Grupo Brasil”, confirmou o prefeito.

Outro exemplo da expansão e solidificação de empreendimentos no Maranhão é a destinação de uma área para implantação de indústrias limpas no município de São José de Ribamar. O projeto, previsto no Plano Diretor, faz parte do planejamento da prefeitura do município de preservar áreas de reserva ambiental.

“As indústrias que se instalam ali também têm a responsabilidade para com aquela área de preservação”, enfatizou o prefeito Luís Fernando Silva. A área tem aproximadamente 200 hectares e nela já se encontram instaladas indústrias limpas como a Água Mineral Floratta, Iogurte Cremosinho, Colchões OrtoClass, Sabor Laticínios, Natural Alimentos, dentre outras. Segundo o prefeito, está em implantação também uma planta industrial da Caninha do Engenho. “O setor industrial é um propulsor de geração de empregos. Somente as indústrias que se instalaram recentemente em São José de Ribamar estão gerando juntas mais de 1000 postos de trabalho, sendo que a maior quantidade deles, ocupados por mão-de-obra local”, afirmou.

Os processos de criação de novos distritos no estado estão em fase de definição de área, elaboração de projetos de iluminação, loteamento, arruamento e infra-estrutura em geral, além de estudos complementares. A definição de novas áreas industriais revela o despertar de outros municípios, além dos tradicionais centros, para a atividade industrial no estado. ■



# OPINIÃO

Lino R. Moreira \*

## AUMENTO DA PRODUTIVIDADE

Em 1755, no reinado de D. José I e por iniciativa do marquês de Pombal, foi criada a Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão. Ela desempenhou importante papel no surto de riqueza experimentado pelo Maranhão no final do século XVIII e na maior parte do século XIX e foi o instrumento usado na tentativa de gerar recursos na própria região, liberando a metrópole do ônus de mantê-la com seus parques recursos, numa época em que já se anunciava o discurso liberal, mas ainda se praticava uma espécie de mercantilismo pombalino ilustrado. É incontestável o aumento na exportação do algodão.

Teve a Companhia uma função catalisadora nesse crescimento, porque fornecia aos produtores, isto é, aos fazendeiros, mão-de-obra escrava e insumos baratos, crédito para o custeio inicial do plantio e compra de equipamentos, entre outras necessidades da produção. Mais ainda, ela colocava a produção nos mercados consumidores a milhares de quilômetros de distância, tarefa impossível para os produtores locais isolados. A região inseriu-se, dessa forma, na economia mundial. Mas, havia outros fatores. Sem uma conjuntura externa favorável, com respeito aos preços do arroz e do algodão, decorrente da guerra de independência dos Estados Unidos e, em seguida, da revolução industrial inglesa, modestos teriam sido os resultados do fomento patrocinado pela Companhia.

Segundo assinala Bandeira Tribuzi, com



A. BAETA

acerto, no seu Formação Econômica do Maranhão, o modelo econômico consolidado a partir dessa época, tinha como características principais: a) o comando da economia “de fora” e “para fora”; b) um acanhado mercado inter-no; c) a alta concentração da renda pessoal da população livre; e d) proibição de qualquer atividade que não a produção agrícola. Nesse modelo, a economia crescia com a expansão da fronteira agrícola, que se tornou possível por causa da mão-de-obra escrava disponibilizada pela Companhia e pela incorporação de terras de maior produtividade.

O sistema era inteiramente dependente de fatores externos. Foi isso o que ocorreu ainda no século XIX, inclusive com o fim do sistema escravocata. Foi essa a estrutura econômica que herdamos no século XX. Pelas características apontadas, ela foi responsável pelo atraso de nossa economia em relação ao resto do país durante longo tempo.

Com a urbanização acelerada na segunda metade desse século e a perda relativa de importância do problema agrário, o principal desafio que se coloca hoje à economia maranhense está em tentar aumentar sua produtividade média, de tal forma a adquirir condições de competitividade com outras regiões do país, no contexto de uma economia nacional perfeitamente integrada. ■

*\* Economista e integra o Conselho Regional de Economia do Estado do Maranhão (CORECON-MA).*

José Mário Ferro Frazão \*

## BIODIESEL DE BABAÇU



O estado do Maranhão detém mais de 70% das áreas cobertas com babaçu (*Orbygnia phalerata*) no país. O óleo extraído de suas amêndoas ainda constitui a sua principal fonte de exploração econômica. No início da década de 90, a produção de óleo de babaçu no Maranhão se apresentava estável em torno de 70 mil toneladas/ano, ou seja, indiferente ao incremento da demanda nacional de óleos láuricos. Com a liberação das importações decorrente da abertura do mercado, as indústrias localizadas nas regiões Sudeste e Sul do país, passaram a importar da Malásia o óleo de palmiste (semente do dendê) com preços muito aquém dos praticados para o óleo de babaçu.

Esse fato refletiu fortemente na produção do óleo no estado, que atingiu apenas 44 mil toneladas em 1995. Nos anos seguintes, houve uma pequena recuperação, atingindo o volume atual de 54 mil toneladas/ano. Ressalta-se que o grande gargalo das indústrias no que diz respeito à viabilidade econômica sempre foi o suprimento da matéria-prima (amêndoas), pois o processo de extração não evoluiu. Continua arraigado a uma tecnologia secular e empírica, que consiste na quebra manual do coco, mediante o uso do machado, atividade essa de exclusividade das mulheres.

Esse atual sistema é ineficiente e desumano no que concerne à remuneração das quebradeiras de coco, além dos problemas crônicos de saúde adquiridos ao longo dos anos

no exercício dessa atividade. O óleo do coco babaçu é um produto nobre e tem sido usado como insumo para as indústrias de produtos de limpeza e cosméticos, cuja demanda não é completamente atendida pela falta de matéria-prima para produção desse óleo.

Com o agravamento da crise do petróleo e a pressão internacional pela redução da emissão de gases causadores de efeito estufa, o óleo de babaçu tem sido cogitado como uma alternativa para produção de biodiesel na região do Meio Norte. Entretanto, por ser um óleo nobre e de custo elevado, sua viabilidade econômica precisa ser vista com muita cautela.

Os primeiros testes do óleo de babaçu como biodiesel foram realizados pelo professor Expedito Parente nos anos 80 e que hoje trabalha na homologação do bioquerosene para aviação. A mais recente informação da viabilidade técnica do babaçu como biodiesel foi noticiada na mídia no mês passado, onde um Boeing em vôo experimental na Europa utilizou o bioquerosene feito a partir do óleo de babaçu em uma das turbinas. O agronegócio do babaçu só será viável quando se estabelecer parcerias pró-ativas entre a governança local e o setor produtivo nas suas múltiplas facetas, de forma que esse potencial energético seja explorado com visão social, econômica e ambientalmente sustentável. ■

*\* Engenheiro Agrônomo M. Sc. Agroecologia  
Pesquisador Embrapa – Meio Norte*



# Manifestação que atravessa o tempo

## Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão será bem imaterial do Brasil

Por Selma Figueiredo

Secular no tempo e na tradição, o bumba-meu-boi já está eternizado entre os maranhenses. Agora, toda a beleza e a grandiosidade da manifestação, tanto no visual como na sonoridade e coreografia, serão devidamente imortalizadas nas páginas da história. O Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão será registrado como bem cultural de natureza imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O objetivo é reconhecer suas particularidades e fazer com que estas sejam resguardadas diante das transformações promovidas nos terreiros.

A solicitação foi feita no fim do mês passado ao órgão pela Comissão Técnica do Pedido de Registro do Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão, iniciando o processo que culminará na inscrição da manifestação no Livro das Formas de Expressão, a exemplo do que aconteceu com o tambor de crioula, em junho de 2007. O trabalho de pesquisa já foi iniciado, muito da tradição já foi inventariado e a expectativa é que o dossiê que fundamentará a solicitação esteja pronto até o fim deste ano.

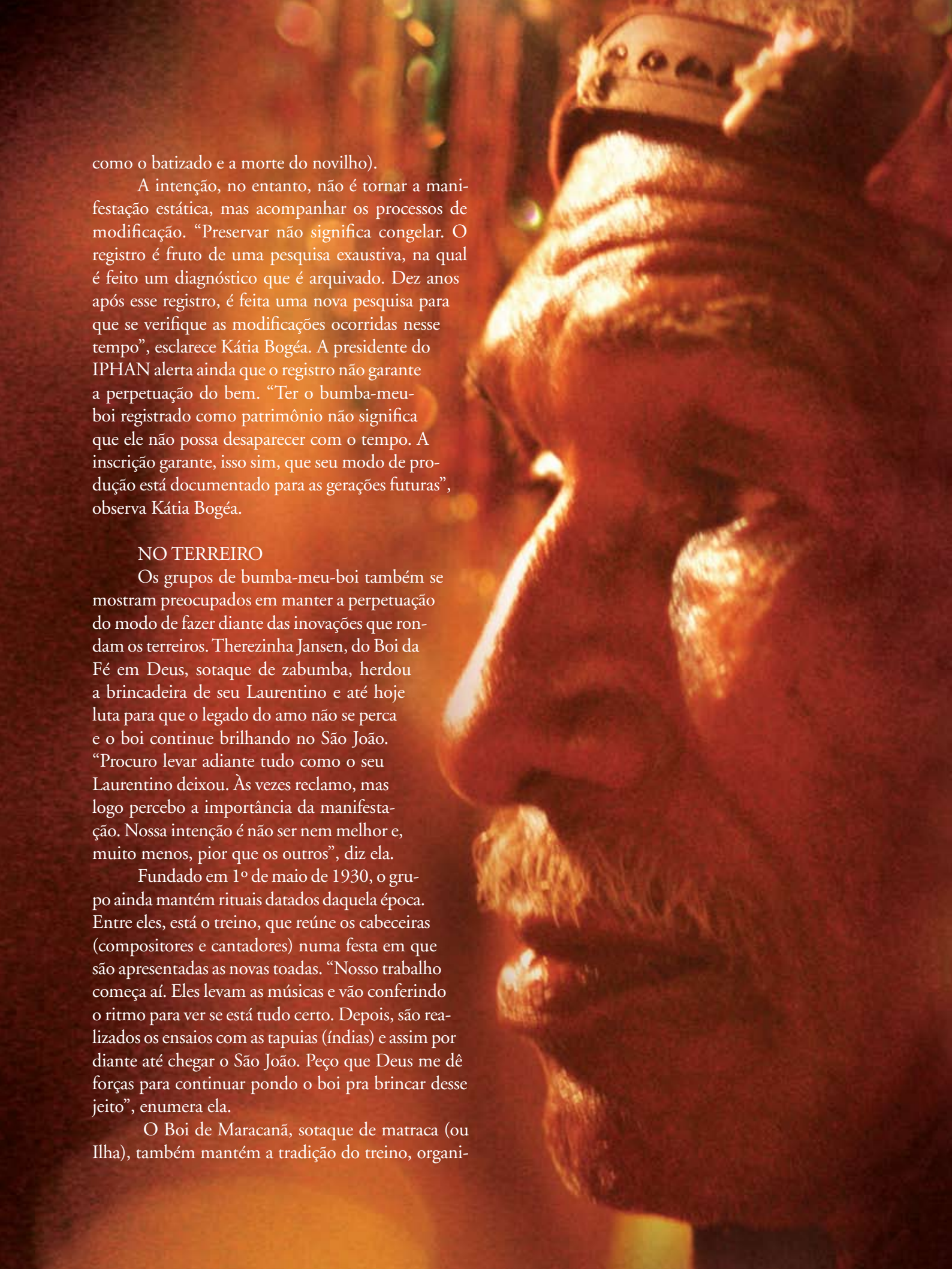
A superintendente do IPHAN no Maranhão, Kátia Bogéa, conhecedora de todo o trâmite da proposta, prevê que o registro deva sair em junho do ano que vem. “Esperamos que tudo aconteça dentro do previsto para fazermos

uma grande festa”, declara ela. Além de membros eleitos de todos os sotaques da manifestação, a comissão técnica reúne representantes da Secretaria de Estado da Cultura (SECMA), da Fundação Municipal de Cultura (FUNC), da Comissão Maranhense de Folclore (CMF), do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura Popular da Universidade Federal do Maranhão (GPRCP/UFMA) e do IPHAN. As reuniões que culminaram no pedido foram iniciadas em novembro de 2006.

O título de patrimônio imaterial do Brasil fará justiça a um bem cultural de enorme relevância e também comprovará o seu valor histórico e artístico. O bumba-meu-boi é considerado a maior manifestação popular do Maranhão e o período junino no estado é uma prova de sua força. Na época, centenas de grupos se espalham por São Luís e interior, rendendo graças festivas a São Antônio, São João, São Pedro e São Marçal, mantendo a tradição que remonta a séculos passados.

E é justamente esse trabalho de manutenção um dos pontos positivos do Registro. O título de patrimônio imaterial do país assegura que o bumba-meu-boi também será alvo de ações de salvaguarda. Ou seja, será traçado um plano de manejo para as particularidades da manifestação que estejam ameaçadas de desaparecer, como é o caso dos pandeirões de couro (hoje, substituídos pelos de nylon) e do auto da tragicomédia (que, por ser demorado, só é apresentado em ocasiões



A close-up, profile view of a person's face wearing a traditional bumba-meu-boi mask. The mask is made of a textured, light-colored material, possibly wool or felt, and features a large, dark, circular eye opening. The person's face is partially visible through the mask, showing their nose and mouth. The background is dark and out of focus, with some warm, golden light reflecting off the mask's surface.

como o batizado e a morte do novilho).

A intenção, no entanto, não é tornar a manifestação estática, mas acompanhar os processos de modificação. “Preservar não significa congelar. O registro é fruto de uma pesquisa exaustiva, na qual é feito um diagnóstico que é arquivado. Dez anos após esse registro, é feita uma nova pesquisa para que se verifique as modificações ocorridas nesse tempo”, esclarece Kátia Bogéa. A presidente do IPHAN alerta ainda que o registro não garante a perpetuação do bem. “Ter o bumba-meu-boi registrado como patrimônio não significa que ele não possa desaparecer com o tempo. A inscrição garante, isso sim, que seu modo de produção está documentado para as gerações futuras”, observa Kátia Bogéa.

#### NO TERREIRO

Os grupos de bumba-meu-boi também se mostram preocupados em manter a perpetuação do modo de fazer diante das inovações que rondam os terreiros. Therezinha Jansen, do Boi da Fé em Deus, sotaque de zabumba, herdou a brincadeira de seu Laurentino e até hoje luta para que o legado do amo não se perca e o boi continue brilhando no São João. “Procuro levar adiante tudo como o seu Laurentino deixou. Às vezes reclamo, mas logo percebo a importância da manifestação. Nossa intenção é não ser nem melhor e, muito menos, pior que os outros”, diz ela.

Fundado em 1º de maio de 1930, o grupo ainda mantém rituais datados daquela época. Entre eles, está o treino, que reúne os cabeceiras (compositores e cantadores) numa festa em que são apresentadas as novas toadas. “Nosso trabalho começa aí. Eles levam as músicas e vão conferindo o ritmo para ver se está tudo certo. Depois, são realizados os ensaios com as tapuias (índias) e assim por diante até chegar o São João. Peço que Deus me dê forças para continuar pondo o boi pra brincar desse jeito”, enumera ela.

O Boi de Maracanã, sotaque de matraca (ou Ilha), também mantém a tradição do treino, organi-





zado sempre no Domingo de Páscoa, em sua sede, onde é servida uma feijoada para receber os brincantes e o amo Humberto de Maracanã apresenta as toadas da temporada. “Esse é um dia de cantoria, só para aprendermos as novas músicas. Os compositores também checam se está tudo certinho”, relata Maria José de Lima Soares, presidente do boi, afirmando ainda que os integrantes trabalham o ano inteiro na recuperação de velhas e na confecção de novas indumentárias. Maria José Soares reforça ainda que o boi ainda prima pela originalidade por ser organizado como uma família e ter à frente o cantor Humberto e seus filhos, que estão herdando dele o maracá de amo.

Fundado há apenas 20 anos, em 1º de maio de 1988, o Boi Unidos de Santa Fé (sotaque da Baixada) busca resgatar a originalidade da manifestação em todos os pontos. Primando pela riqueza de detalhes e muito bordado nas indumentárias, o boi ganhou destaque por seus enormes chapéus de pena e pela batida cadenciada do ritmo, mais ouvida no interior do estado. De olho no mercado, o tesoureiro e organizador Marrom Moreira alerta que é preciso saber dosar a tradição com as inovações para não perder a autenticidade. “O dirigente de boi precisa ser inteligente. Tem que agradar o público de hoje sem esquecer o ontem. Somos artistas, temos

que atrair a platéia, mas não podemos esquecer nossas origens”, declara ele, afirmando ainda que o grupo fica pronto, geralmente, seis meses antes do início da temporada junina.

O Boi da Maioba (matraca), por sua vez, está assumindo uma postura distante da tradição, mostrando que é difícil manter-se ileso diante do apelo do mercado. O que antes era ensaio ganhou a denominação de show. Os brincantes também já não têm a sede como ponto de encontro, que agora ocorrem em espaços diferentes de São Luís. Segundo José Inaldo Ferreira, presidente da manifestação, o dinheiro arrecadado com os ingressos desses shows ajuda a manter o grupo. “Nosso patrocínio é pouco, então, temos que nos virar. Esses shows não rendem muito, mas, de qualquer forma, ajudam a bancar a brincadeira”, afirma Ferreira, ressaltando que os brincantes também dedicam o ano inteiro à produção das indumentárias.

Também longe do tradicional, nem todos os integrantes da Maioba dançam em pagamento de promessa e muitos recebem dinheiro em troca da apresentação no terreiro. Dos R\$ 300 mil previstos para o orçamento do grupo este ano, R\$ 26 mil serão destinados ao cachê dos três cantadores. “É uma forma de recompensar o trabalho e a dedicação deles ao boi”, justifica Inaldo Ferreira. ■





## PATRIMÔNIO IMATERIAL DO BRASIL

O título de bem imaterial do Brasil é o reconhecimento a uma manifestação que atravessa o tempo. Na história, o auto do bumba-meu-boi remonta ao Ciclo do Gado, no século XVIII, resultante das relações desiguais existentes entre os escravos e os senhores, refletindo as condições sociais vividas pelos negros e índios. Contada e recontada através dos tempos, na tradição oral nordestina, e depois espalhada pelo Brasil, a lenda adquiriu contornos de sátira, comédia, tragédia e drama.

No Maranhão, narra a saga de Mãe Catarina, uma negra que, grávida, faz Pai Francisco, seu marido, matar o boi mais bonito da fazenda. Ao descobrir, o patrão manda prender o malfeitor. O boi está agonizando. O chefe chama os índios para invocar os espíritos da floresta e salvar o animal, que revive e solta um belo urro. Pai Francisco é liberto e começa uma noite de festa no lugar.

Na tradição, a apresentação de um grupo no arraial compreende o Guarnicê (quando o

amo do boi chama o grupo para começar a apresentação), o Lá vai (aviso de que a brincadeira está se dirigindo ao local da apresentação), a Chegada (que anuncia a presença do novilho no terreiro), a Licença (permissão para que o grupo se apresente ao público), a Saudação (quando são cantadas toadas de louvação ao dono da casa e ao boi), Toadas de cordão (cantigas com temas livres), o Urrou (momento que celebra a alegria de todos pelo restabelecimento do boi depois de ter sido sacrificado) e a Despedida (quando a brincadeira é encerrada).

O bumba-meu-boi tem um conjunto de personagens e de indumentárias que pode variar de acordo com o sotaque ao qual pertence. Destacam-se os cinco sotaques mais conhecidos em São Luís: zabumba, matraca ou da ilha, orquestra, Baixada ou de Pindaré e costa de mão ou de Cururupu. No interior do Maranhão, existem grupos que não se enquadram nessa classificação, tendo, inclusive, uma diversidade de estilos distinta da encontrada em São Luís.



# MEMÓRIA

1872

## *Companhia Ferro Carril do Maranhão*



Por Luís Fernando Baima

*Quase não há registros sobre o início dos bondes em São Luís. O pouco existente indica que em 1872 já existia uma linha de onze quilômetros, com circulação desconhecida. O certo é que em 1893 a Companhia Fabril Maranhense mantinha veículos semelhantes a bondes, puxados por animais e utilizados no transporte de operários. O primeiro projeto surgiu em 1911 com o engenheiro Antônio Lavendevra, o mesmo que construiu as docas de Manaus. Em 1922, a empresa americana Ulen & Company se dispôs a construir as primeiras linhas movidas a eletricidade. Em 30 de novembro de 1942, a companhia inaugurou o bonde elétrico, com quatro carros de oito bancos e capacidade para 40 passageiros. O último veículo trafegou em 1966, quando todo o serviço foi extinto.*



ensaio calibração aferição

macrografia

166.241

**Precisão, alta tecnologia e  
visão de futuro.**

**Fórmula para colocar a  
indústria maranhense entre  
as melhores do país.**

92.795

inovação  
aprovado

*O Laboratório de Ensaios Físicos e Mecânicos do SENAI Maranhão oferece serviços de análises e calibrações precisas, garantindo segurança e confiabilidade aos materiais dos seus produtos.*

Com equipamentos de alta tecnologia e profissionais qualificados, o SENAI contribui para aumentar o desenvolvimento e competitividade da nossa indústria.

Para maiores informações, ligue (98) 3241-1214 ou acesse [www.fiema.org.br/senai](http://www.fiema.org.br/senai).



FIEMA  
SESI  
SENAI  
IEL

**SENAI**





## PRÊMIO SESI QUALIDADE NO TRABALHO

O Serviço Social da Indústria lança a 13ª edição do PSQT - Prêmio SESI Qualidade do Trabalho que apoia e reconhece publicamente as organizações que investem no capital social e humano adotando as melhores práticas em responsabilidade social empresarial, contribuindo para um amplo entendimento sobre qualidade de vida no trabalho e seus benefícios para as empresas e seus funcionários.

Participe do Prêmio e mostre que a sua empresa se destaca no exercício da responsabilidade social, valorizando os funcionários e contribuindo para o desenvolvimento sustentável.

**INSCRIÇÕES** | **INFORMAÇÕES**  
**ABERTAS** até 30.05 | (98) 3212.1859

Realização



Apoio



**BOVESPA**  
São Paulo Stock Exchange

Ministério do  
Trabalho e Emprego



*Construindo uma indústria socialmente responsável* [www.sesi.org.br/psqt](http://www.sesi.org.br/psqt)